

**ORWELL, G. *A REVOLUÇÃO DOS BICHOS*. EDIÇÃO RIDENDO CASTIGAT
MORES, 2000.**

CÉLIA MARIA SILVA SOUZA ALMEIDA

Graduando em Filosofia – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: missceliamaria@gmail.com

O livro *A revolução dos Bichos* (1945) foge ao “era uma vez” dos contos de fadas infantis, bem como à regra geral das obras de ficção, que diz: “qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”. Isso porque o leitor, mais próximo temporalmente do contexto em que o livro fora publicado, pode interligar automaticamente a obra lida às revoluções ocorridas ao longo da História, embora estas não fossem com animais irracionais, mas sim com o *Homo Sapiens*, o animal racional.

As personagens encenam suas “meras semelhanças” em papéis que figuras lendárias e instituições desempenharam ou desempenham em face ao surgimento de novas ou de velhas ideologias. Como Mentor do ideal de igualdade e liberdade, surge o porco Major, que, com seu sonho, semeia nos corações e nas mentes o anseio pela revolução. O motivo da luta é o abuso cometido pela administração relapsa do bêbado senhor Jones, proprietário da fazenda, e de seus peões indolentes. E os meios de propagação são a repetição da canção *bichos da Inglaterra*, a alfabetização doutrinária – consistida em ensinar a ler pela cartilha da ideologia – e, o mais eficaz, o boca-a-boca.

Inesperadamente, a revolução acontece; os bichos se apropriam da Granja do Solar. Deste momento em diante, as ‘meras coincidências’ se dissipam e se institucionalizam os papéis da liderança, da ideologia e dos instrumentos de coesão. Como líderes, no processo de realização da mudança, destacam-se os porcos Bola-de-Neve e Napoleão, eleitos por herança de espécie. Com mentes e mãos hábeis, transformam conjuntamente regras simples em mandamentos, os quais são:

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais (ORWELL, 2000, p. 9).

Bola-de-Neve, com seus projetos para o desenvolvimento da bicharada, torna-se forte enquanto líder, instigando o ódio de Napoleão. Este, porco “sem projetos próprios”, transformou o antigo companheiro em ‘arqui-inimigo’, para que não faltasse na história o *maniqueísmo*, com seus heróis e vilões. Extremamente estrategista, foi minando as estruturas das leis do animalismo, tornando-as cada vez mais distantes da mente e dos olhos dos animais, até que estes já não tivessem certeza do que, de fato, diziam antes.

Os mandamentos, por sua vez, transformados num sistema facilmente manipulável, foram inclinados para o favorecimento de alguns poucos em detrimento da maioria. Do mesmo modo, a canção *bichos da Inglaterra*, um hino à liberdade, cantado como fonte motivadora, perdeu aos poucos sua força, tornando-se apenas uma lembrança na memória de alguns. E o trabalho no moinho de vento – o sonho maior, que garantia propósito, unidade e participação dos bichos – concentrava-os de tal modo que os impedia de perceber os acontecimentos suspeitos que cercavam a fazenda.

Com a queda do sonho, os indutores de opinião aparecem, sem que sejam citados diretamente, representando a imprensa, a igreja e a massa alienada. Com um nome que carrega o significado de embromação, “muita palavra e pouco conteúdo”, Garganta, o porco, vem a público fazer os anúncios e esclarecer as dúvidas à sua maneira. O corvo, anunciando a montanha de açúcar do outro lado, não se envolve diretamente na luta para não se misturar, mas também não se afasta, para não deixar de lucrar com os resultados. As ovelhas, com sua repetição vazia do que lhes é ensinado, inibem qualquer tentativa de argumentação.

Todo *‘ismo* tem um *‘ismo* contrário. O lendário inimigo, Bola-de-Neve, tem sua figura usada para intimidar qualquer esboço de reação, para matar insurgentes como traidores ou ainda coibir insurreições. E, se isso não funcionar, existe o aparelho repressor, representado pelos cães. Treinados às escondidas, são amedrontadores e dispostos a fazer valer a lei da força, pela violência.

Há também os que, como a vaca Mimosa, reconhecem no sistema anterior benefícios e, não querendo abrir mão deles, fogem. E aqueles que, abraçando a causa, militam por ela, como o forte cavalo Sansão, o qual está sempre pronto a trabalhar mais, a dar tudo de sua força para que o sonho, mesmo perdido, não morra. Outros, como o burro Benjamin, mesmo sabendo que aquilo não vai dar certo, se omitem na sua ignorância, porque “os burros vivem muito tempo”. Do mesmo modo surgem em cena os mártires, ainda que não muito identificados e as fazendas vizinhas, indefinidas entre aliadas ou contrárias.

George Orwell, que publicou *A Revolução dos Bichos* após a Segunda Guerra Mundial, foi muito feliz ao se utilizar do cenário de uma fazenda, a Granja do Solar, para escrever sobre um tema tão pesado como a revolução, tendo como contexto social o rastro de destruição deixado pela guerra. Por isso, esta obra não poderia ser classificada como

conto infantil nem como obra de ficção, pois, mesmo que animais tenham sido utilizados para desempenhar papéis de homens, estes tornam-se animais quando, inflamados por uma ideologia, chegam à posição daqueles que condenavam. Seria melhor classificá-lo como “baseado em fatos reais”.

Como citar este trabalho: ALMEIDA, C. M. S. S. Resenha de A Revolução dos Bichos. *Filosofando: Revista Eletrônica de Filosofia da UESB*. Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 165-167, 2015.